



## **Análise do Conteúdo Televisivo no Caso Isabella Nardoni<sup>1</sup>**

Pâmela Berton Costa <sup>2</sup>

Daniela Cristiane Ota <sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

### **Resumo**

Este artigo pretende analisar o conteúdo de matérias sobre o caso da morte da menina Isabella Nardoni e concluir sobre o sensacionalismo nas mesmas. Serão tomados como exemplo quatro vídeos de telejornais do canal Globo. A primeira parte do trabalho apresenta uma contextualização do tema sensacionalismo. Na segunda parte, parte-se de uma análise do tratamento do caso pela mídia televisiva como um todo para, em seqüência, analisar os quatro vídeos selecionados na amostragem. A partir desta análise, apresenta-se uma conclusão sobre a espetacularização e a dramatização do caso.

**Palavras chave:** Telejornal; conteúdo jornalístico; sensacionalismo; mídia.

### **1. Introdução**

Sensacionalista é aquele veículo midiático que se utiliza da emoção como principal foco nas matérias. Entretanto, surgem questionamentos: usar a emoção em reportagens é espetacularizar ou humanizar<sup>4</sup>? Até que ponto é aceitável televisionar o sofrimento de uma mãe que perdeu o filho? Quando essa imagem ultrapassa a tênue linha entre “jornalismo sério” e “imprensa marrom”?

Márcia Franz Amaral explica como surgiu o termo “imprensa marrom” e o que ele significa:

O jornalista Alberto Dines afirmou em entrevistas que a expressão ficou generalizada a partir do uso no jornal *Diário da Noite* (RJ) em 1960. Dines, repórter do jornal na época, soube que alguém havia se matado por ter sido chantageado por uma revista de escândalos e fez uma manchete mencionando que a imprensa amarela havia levado um cineasta ao suicídio. Calazans Fernandes, chefe

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Comunicação Audiovisual (cinema, rádio e televisão), da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do terceiro ano de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: pamelinha.bc@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Jornalismo pela Universidade de São Paulo e atual coordenadora do curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, email: ota.msi@terra.com.br

<sup>4</sup> Quanto mais as mídias tendem para o pólo da credibilidade, que exige austeridade racionalizante, mais se distanciam do grande público. Se tendem para o pólo de captação, cujas exigências são as da imaginação dramatizante, menos credibilidade elas terão. Dessa forma, “seu jogo consiste em navegar entre esses dois pólos ao sabor de sua ideologia e da natureza de acontecimentos” (CHARAUDEAU, 2007, p. 92).



de reportagem, teria alterado a manchete: trocou a expressão “imprensa amarela” por “imprensa marrom”, relacionando marrom à “cor de merda”. Desde então, a expressão “jornalismo marrom” é usada no Brasil para designar jornais e revistas de escândalos (AMARAL, 2006, p.19).

A principal diferença entre “jornalismo sério”, ou do cotidiano, e “imprensa marrom” está no modo como os fatos são mostrados. Segundo Naiara Longhi, sensacionalismo é uma “forma de produção de notícias que prioriza acontecimentos triviais, tornando-os espetaculares, que se utiliza de linguagem coloquial e que tem gosto pelos temas deixados a margem pelo jornalismo de referência” (LONGHI, 2005, p. 2).

Amaral, citando o professor Ciro Marcodes Filho, explica que “o que diferencia um jornal dito ‘sensacionalista’ de outro dito ‘sério’ é a intensidade. O sensacionalismo é o grau mais radical de mercantilização da informação” (AMARAL, 2006, p.20). Desse modo, sensacionalista é o jornal que espetaculariza fatos sem grande importância e da forma mais intensa possível. Isto é, apela para a emoção de forma exagerada.

Para o jornalista Danilo Angrimani (1995), o sensacionalismo está na imprensa desde o seu surgimento. Na França, os jornais populares eram conhecidos como *canardis*, que significa conto absurdo ou fato não verídico. Nos Estados Unidos, o primeiro jornal, *Publick Occurrences*, de 1690, já apresentava características sensacionalistas.

No Brasil, os primeiros jornais de cunho sensacionalista foram os folhetins, introduzidos no país a partir do ano de 1840. “O folhetim conhecido como romântico ou democrático baseia-se no cotidiano, especialmente dos segmentos populares, até então marginalizados. (...) Era conservador, mas denunciava a miséria humana” (AMARAL, 2006, p. 75 - 76). É dessa forma que os jornais, antes limitados a assuntos políticos, começam a tratar de temas “humanos”, como o relato detalhado de crimes e dramas de família.

Atualmente, existe uma divisão dos especialistas sobre a classificação que deve ser dada aos jornais que seguem esta linha. Alguns afirmam que devem ser chamados de “sensacionalistas”, outros, que é “jornalismo popular”. Embora haja esta distinção entre jornais “sérios” e “sensacionalistas/populares”, a superexposição de alguns fatos e a exploração de certos acontecimentos faz com que o sensacionalismo esteja presente em todos os jornais, pelo menos em algum momento.



## 2. Análise do sensacionalismo no caso Isabella Nardoni

A mídia produz celebridades para poder realimentar-se delas a cada instante em um movimento cíclico e ininterrupto. Até os telejornais são pautados pelo biográfico e acabam competindo com os filmes, novelas e outras formas de entretenimento. (...) A espetacularização da vida toma o lugar das tradicionais formas de entretenimento. Cada acontecimento em torno de um indivíduo é superdimensionado, transformado em capítulo e consumido como um filme (PENA, 2007, p.88).

Com essa reflexão começa a análise do sensacionalismo no caso Isabella Nardoni. Na noite do dia 29 de março de 2008, a menina foi jogada da janela do sexto andar do apartamento onde moravam o pai, Alexandre Nardoni, a madrasta, Anna Carolina Jatobá, e os dois filhos do casal. O crime chocou o país pelo fato de o pai e a madrasta serem os principais suspeitos da morte da menina e foi manchete por mais de dois meses em todos os telejornais nacionais. No dia três de abril, foi decretada a prisão temporária do casal, sendo que ambos foram liberados com um *habeas corpus*, no dia sete de abril, e deixaram a prisão no dia 11 do mesmo mês. No dia 18 de abril, a polícia indiciou o casal pela morte da menina. E, no dia sete de maio, Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá foram presos em prisão preventiva.

Para a análise, serão usados vídeos de reportagens exibidas na Rede Globo de televisão, por ser esta a emissora da TV aberta de maior alcance em todo o território nacional e que, conseqüentemente, exerce maior influência sobre a vida das pessoas.

Serão tomados como base quatro vídeos que podem indicar sensacionalismo escolhidos de forma aleatória e que estão disponíveis no site da Globo ([www.globo.com](http://www.globo.com)):

- *Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá visitam os filhos*, exibido no dia 14 de abril de 2008, no Bom Dia Brasil, com oito minutos e 54 segundos de duração.
- *Polícia leva quatro horas para prender casal Nardoni*, exibido no dia oito de maio de 2008, no Jornal Hoje, com cinco minutos e 52 segundos.
- *Depoimentos traçam o perfil do casal Nardoni*, exibido no dia 11 de maio de 2008, no Fantástico, com quatro minutos e dois segundos.
- *Casal Nardoni será interrogado hoje*, exibido no dia 28 de maio de 2008, no Bom Dia Brasil, com quatro minutos e 41 segundos.

Em primeiro lugar, pretende-se apresentar o sensacionalismo sobre o caso e, em seqüência, a especificidade de cada vídeo selecionado.



Para o psiquiatra Benílton Bezerra, em entrevista ao Fantástico, no dia 20 de abril de 2008, as pessoas se comoveram com o caso porque se identificaram. “O que eu acho que explica um pouco o choque é que poderia ser com a família dos nossos vizinhos. Mais. Poderia ser com a nossa própria família”. O especialista foi contestado pelo colega psicanalista Contardo Calligaris na mesma reportagem, já que este último acredita que esse tipo de crime simbolize uma interrupção no futuro. “As crianças representam, direta ou indiretamente, o futuro da gente. É uma facada no futuro de todos nós”.

Independente do motivo que levou a tamanha comoção em todo o Brasil e ao linchamento do casal acusado, a mídia teve grande parcela de culpa nesse sentimento de condenação antecipada. “A televisão é um pólo ativo do processo de seleção e divulgação das notícias e também dos comentários e interpretações que delas são feitas. Ela não é mera ‘observadora’ ou ‘repórter’: tem o poder de interferir nos acontecimentos” (ARBEX, 2005, p. 98).

Mais de um mês depois da morte de Isabella e as edições nacionais dos jornais de cada emissora ainda dedicavam, no mínimo, uma matéria sobre o assunto. Qual a diferença entre esse e tantos outros casos de violência contra crianças? No mesmo período (março de 2008), a história de uma menina torturada durante dois anos pela mãe adotiva no estado de Goiás foi manchete secundária e não causou tanta comoção. Por que os jornalistas deram destaque ao caso da menina Isabella e não à tortura sofrida por dois anos por uma criança?

No jornalismo, existe a figura do *gatekeeper*, um profissional que “tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se a bloqueia. Ou seja, (...) só vira notícia aquilo que passa por uma cancela ou portão (...) que é o próprio jornalista” (PENA, 2007, p. 133). Mas por que os *gatekeepers* preferiram espetacularizar o “Caso Isabella”, como foi chamado, a denunciar outros casos? A resposta estaria na Teoria do Espelho em que “o jornalista reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que conhecemos porque a realidade assim as determina” (PENA, 2007, p. 125).

Dessa forma, a imprensa teria dado mais atenção à morte da menina devido à comoção que o fato gerou. A mídia pauta o que o público quer ver do mesmo modo que o próprio público pauta o que a mídia vai divulgar. “As mensagens e versões veiculadas pela mídia, para serem eficazes, devem estar em consonância com as atividades e convicções que os indivíduos colocam em prática em seu cotidiano” (ARBEX, 2005, p. 132).



Especificamente no caso da garota, a mídia deu destaque a fatos sem relevância e destacou a comoção da sociedade. Mas esta comoção foi criada pela própria mídia que condenou antecipadamente o casal.

Os julgamentos são influenciados pela formação, e, também, pelo que os meios de comunicação nos apresentam como verdade.

Somos cruéis em nossos julgamentos. Na maioria das vezes, esquecemos que eles são mediados. Se não forem pela imprensa, podem ser pelos nossos próprios preconceitos, pelo inconsciente ou pela linguagem. (...) Os maniqueísmos se apresentam e o veredicto se resume à velha luta entre o bem e o mal. Só que os indivíduos são muito mais complexos do que isso (PENA, 2007, p. 113).

A proposta do artigo é analisar apenas a cobertura exagerada do caso pelos meios de comunicação, em particular, a televisão, sem concluir sobre a culpa ou inocência do casal Nardoni. Afinal, mesmo que os suspeitos sejam os culpados, somente a Justiça deve julgá-los.

Os jornais, como produtos da comunicação de massa, são fundamentais na construção de memórias e identidades sociais na sociedade contemporânea. (...) A idéia é pensar como, através da apropriação de um real já fragmentado, é possível construir uma visão, ainda que parcial, capaz de ser confundida com o próprio real. É atributo do discurso jornalístico contemporâneo se postular o papel de remissor da verdade, testemunha do fato. (ENNE E DINIZ, 2005, p. 13)

Isto se evidencia no fato de a mídia ter condenado o casal. Como prova da afirmação, têm-se os vídeos *Polícia leva quatro horas para prender casal Nardoni* e *Depoimentos traçam o perfil do casal Nardoni*. Em ambos a entonação da voz dos repórteres chama a atenção e mostra a imparcialidade na matéria.

No primeiro vídeo, o off<sup>5</sup> inicia-se dessa forma: “dois investigadores e dois mandatos de prisão. Era o começo de uma longa negociação para cumprir uma ordem da Justiça”. Os investigadores são apresentados como heróis. A ausência do verbo enfatiza a grandiosidade dos dois homens. O modo como a reportagem começa é novelesco, como o início de um conto.

Logo depois, o repórter usa a expressão coloquial “para botar na cadeia”, como se os suspeitos fossem criminosos já condenados. O uso dessa expressão é um recurso do

---

<sup>5</sup> Recurso jornalístico em que imagens são usadas como fundo para uma fala do repórter.



sensacionalismo lingüístico “baseado no uso de determinadas palavras” (AMARAL, 2006, p.20). O sobe-som<sup>6</sup> e as imagens escolhidas, tanto para os offs do repórter como para a matéria em si, dramatizam o acontecimento.

A narração da prisão se desenrola de forma exagerada, mostrando imagens irrelevantes, como as de dentro do elevador e na garagem. O fato de o casal ser algemado apenas na garagem e de a polícia ter demorado quatro horas para prendê-los não acrescenta nada de novo ao caso. Aqui, apresenta-se o sensacionalismo temático, caracterizado “pela procura de emoções e sensações (como as despertadas pelo sobe-som da multidão em coro gritando ‘justiça!’) sem considerar a responsabilidade social da matéria jornalística” (AMARAL, 2006, p.20).

No final da matéria, o repórter informa que o casal foi levado ao IML (Instituto Médico Legal) para o exame de corpo-delito. Mas o que chama a atenção é a última frase do repórter: ele finaliza: “o último procedimento antes de *entrar na cela*”. Novamente a dramatização novelesca. A forma como a reportagem é conduzida condena previamente Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni. A matéria é mostrada como um romance policial em que justiça está sendo feita. As próprias imagens do linchamento do casal, evitado apenas pela presença da polícia, mostra o poder de influência da mídia e a condenação que a sociedade já fez por causa do que é veiculado nos meios de comunicação de massa sobre o caso.

O sensacionalismo está ligado ao exagero; à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma. (...) O sensacionalismo tem servido para caracterizar inúmeras estratégias da mídia em geral, como a superposição do interesse público; (...) a banalização da violência, (...) a ocultação de fatos públicos relevantes; a fragmentação e descontextualização do fato; o denunciamento; os prejulgamentos e a invasão de privacidade (AMARAL, 2006, p. 21).

O trecho acima simboliza o “Caso Isabella” de forma geral. E, em especial, o vídeo citado. O segundo vídeo apresentado, *Depoimentos traçam o perfil do casal Nardoni*, mostra exageros e a mesma pré-condenação. O estilo do programa, Fantástico, denominado como revista eletrônica semanal, é menos formal, portanto, isso deve ser levado em conta na

---

<sup>6</sup> Recurso em que o som ambiente da imagem é mostrado sem a fala do repórter.



análise. Mesmo assim, a reportagem exagera em vários pontos. Por exemplo, com músicas dramáticas e imagens em câmera lenta não usuais em matérias telejornalísticas.

A reportagem trata de um perfil traçado a partir de depoimentos de vizinhos do antigo prédio em que o casal morou. Na frase: as discussões do casal “chamavam a atenção de toda a vizinhança”, a palavra *toda* é enfatizada. A matéria mostra também trechos de vários depoimentos, colocando em destaque por várias vezes na mesma imagem a palavra “ciúmes”<sup>7</sup>, em referência à emoção exagerada que Anna Carolina Jatobá sentiria pelo marido. Esse recurso faz com que ela pareça doentia e até mesmo louca em relação a Alexandre Nardoni. A narração de uma briga descontextualizada, em que ela quebrou uma janela dois anos antes ao se descontrolar porque Alexandre Nardoni não estaria prestando atenção ao que ela falava, completa o quadro de descontrole emocional que a reportagem dá a entender que ela vive.

Há, também, uma diferença entre as imagens da mãe de Isabella, Ana Carolina Oliveira, e da madrasta. A mãe sempre aparece chorando, sofrendo, rezando; já a madrasta está sempre desarrumada, algemada, com o semblante carregado de culpa. Isso mostra o maniqueísmo que a mídia seguiu. Mesmo que a madrasta seja culpada pela morte da menina, ela ainda não foi condenada judicialmente. Mas os meios de comunicação já a apresentam como a responsável, a causa do sofrimento de uma mãe – fato que sempre é causa de comoção e indignação públicas.

A instância midiática está condenada “a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida” (CHARAUDEAU, 2007, p. 92). Desse modo, a forma como a matéria é conduzida induz o telespectador a pensar que o choro de Ana Carolina Oliveira (a vítima, a “mocinha”) é consequência dos atos de Anna Carolina Jatobá (a “vilã”) como em um livro ou em uma novela, em que a responsabilidade do sofrimento da protagonista (Bem) sempre é dos atos do antagonista (Mal).

A última imagem da matéria é um close na madrasta presa, em câmera lenta, que termina com ela olhando para o vídeo, com uma expressão de culpa. Aqui, nota-se, novamente, o maniqueísmo usado no caso: a “mãe boa e sofredora” *versus* a “madrasta má e impiedosa”. Mas a dramatização/novelização do caso não são os únicos meios usados pela mídia para

---

<sup>7</sup> Figura 1.



chamar a atenção do público. Outro recurso sensacionalista é a espetacularização de fatos irrelevantes. Como nos vídeos *Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá visitam os filhos* e *Casal Nardoni será interrogado hoje*.

O primeiro trata da primeira visita do casal aos filhos pequenos depois de libertados pelo *habeas corpus* da prisão temporária. O próprio título da reportagem já mostra a irrelevância do assunto para o caso da morte da menina. Entretanto, é a primeira notícia do jornal, com quase nove minutos de duração, o que representa quase um terço do jornal Bom Dia Brasil. Há um *stand up*<sup>8</sup> em frente ao apartamento do pai de Anna Carolina Jatobá e outra repórter está em frente à casa do pai de Alexandre Nardoni. Uma equipe de reportagem passou a noite toda em frente ao mesmo prédio. Há menção ao local em que o casal passou a noite, sem que se saiba exatamente onde, já que três carros deixaram o prédio durante a madrugada com os vidros completamente escuros e fechados. Não há relevância para nenhum dos dois fatos, já que o local onde o casal passou a noite em questão não é importante para as investigações. As imagens da chegada ou saída para o depoimento das testemunhas mostram dezenas de jornalistas querendo ouvir o que cada uma delas tem a dizer. Estes fatos evidenciam a perseguição que o casal sofre tanto da mídia como da população. Eles foram transformados em celebridades. O assunto em pauta não é mais a morte da menina, mas tudo o que os suspeitos fazem. Em detalhes. Os meios de comunicação acompanham cada passo que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá dão, evidenciando um possível temor de que eles fujam ou sejam absolvidos. Com isso, a formatação dada ao conteúdo jornalístico contribui para o sentimento de revolta, punição e linchamento que tomou conta da sociedade.

Outra informação sem importância é o fato de primos terem visitado a casa do pai de Alexandre Nardoni no dia anterior, quando o casal ainda se encontrava lá. A reportagem mencionou até o tempo da visita (50 minutos). Há menção, também, ao horário em que as luzes na casa do pai de Alexandre Nardoni foram apagadas (uma hora da manhã) na noite da visita aos filhos do casal.

No início da reportagem, menciona-se que Alexandre Nardoni falou com os jornalistas, na tentativa de causar expectativa por alguma declaração do acusado para a imprensa. Entretanto, ele apenas disse “bom dia” aos jornalistas que estavam em frente à casa de seu

---

<sup>8</sup> Recurso em que o repórter repassa as informações diretamente para a câmera sem offs ou imagens.





pai, portanto, a menção ao fato dele ter falado com os jornalistas é sensacionalista. Outro fato irrelevante citado na notícia é que várias pessoas apareceram na sacada do apartamento da mãe de Anna Carolina Jatobá no final da tarde.

Há ainda uma dramatização no recurso gráfico usado pela edição na parte “perguntas que precisam de respostas”<sup>9</sup>. As imagens são apresentadas em um holofote, com representações que lembram filmes de detetives. Na entrevista com o pai de Alexandre Nardoni, a frase “naquela noite, do outro lado da linha”, referindo-se ao telefonema que Anna Carolina Jatobá fez para avisar o sogro da queda da menina, é dramatizada, como em um conto policial.

O segundo vídeo, *Casal Nardoni será interrogado hoje*, mostra a repórter em frente ao fórum em que Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá serão interrogados. Ela narra tudo o que irá acontecer, desde a mobilização dos policiais até uma descrição detalhada de como será o interrogatório. Neste momento, há um recurso gráfico desnecessário em que é mostrada a disposição de todas as pessoas presentes na sala, desde os interrogados, até o escrivão<sup>10</sup>.

Em outro bloco do jornal, a reportagem volta a São Paulo com mais um *stand up* em frente ao fórum aonde o casal ainda *não* chegou. As informações são irrelevantes, praticamente uma retomada do que já havia sido dito anteriormente. Juntas, as duas matérias têm quase sete minutos, um tempo extenso para um telejornal.

### 3. Considerações Finais

Em todos os vídeos há imagens que mostram o descontrole gerado pela mídia: a rua do fórum teve de ser interditada para o interrogatório do casal, dezenas de policiais têm que fazer a proteção dos acusados, vários jornalistas aparecem querendo uma entrevista com Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. Entretanto, não foi este o único acontecimento da época. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, pediu demissão do cargo, causando alvoroço no plano internacional, mais do que no nacional; na China, um terremoto matou mais de 63 mil pessoas; um suposto dossiê de um cartão corporativo da ex-primeira dama

---

<sup>9</sup> Figura 2.

<sup>10</sup> Figura 3.



do Brasil vazou da Casa Civil; entre muitos outros assuntos de destaque ou que não foram destacados devido ao “Caso Isabella”.

No site da rede Globo, a palavra “Nardoni” tem mais de dois mil resultados quando buscada. No site Google ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)), o site mais usado para buscas no Brasil, o resultado das buscas para Isabella Nardoni é de aproximadamente 547 mil páginas, sendo que, para Isabela Nardoni, com apenas um L, o resultado chega a dois milhões e 120 mil páginas.

Não se discute o choque que o assassinato da menina causou, apenas a cobertura exagerada da mídia com câmeras ligadas 24 horas por dia apontando para o casal acusado. Afinal, milhares de processos sobre assassinatos de crianças estão arquivados em fóruns de todo o país. Onde estava a mídia quando todas estas outras crianças morreram e tantas outras desapareceram? É necessário que haja um equilíbrio entre a cobertura exagerada dada ao “Caso Isabella” e nenhuma cobertura dada a casos de tantas crianças anônimas do Brasil.

Após estas análises, conclui-se que os meios de comunicação, em especial a emissora estudada, dramatizaram a cobertura do caso. Fatos sem importância, como a visita do casal aos filhos e a disposição das pessoas na sala do interrogatório, foram tratados com exagero. Dessa forma, nota-se que, em alguma medida, todos os jornais se utilizam um pouco do sensacionalismo. Foram analisados vídeos de diferentes jornais (Fantástico, Bom Dia Brasil e Jornal Hoje), mas todos apresentaram características de exploração do caso e espetacularização.

O público quer saber o desfecho do caso, no entanto, esta superexploração não é mais cobertura jornalística séria. A “imprensa marrom” valoriza de forma exagerada acontecimentos triviais, transformando-os em espetáculo. Mas não é papel do jornalismo produzir entretenimento e sim informar sobre fatos relevantes para a sociedade como um todo.

A mídia brasileira explorou e explora até a última gota o “Caso Isabella”.

Quando (as mídias) tiram partido de casos intermináveis, é porque se trata de uma oportunidade de descrever à exaustão acontecimentos do espaço público seguindo um roteiro dramático que se encerra invariavelmente com as eternas questões sobre o destino humano: “Como é possível?”, “Por que as coisas são assim?”, “Para onde vamos?”. Estamos diante do paradoxo do dado psicossocial que faz com que o processo cognitivo de compreensão de uma informação só possa desenvolver-se através do mecanismo psíquico que integra o saber a representações captadoras. Aqui, ele é levado ao extremo (CHARAUDEAU, 2007, p. 93).



Depois desta exploração novelesca do caso, é necessário que a mídia se re-avalie e pondere melhor entre o que é notícia e o que é superexposição e sensacionalismo.

O “Caso Isabella” também traz à tona antigos questionamentos sobre até onde deve ir a subjetividade do repórter e se existe a imparcialidade total. A discussão sobre objetividade e sua relação com a ética remonta ao século XIX, entretanto, a maioria dos especialistas concorda que ela só foi aplicada no jornalismo no início do século XX. Nelson Traquina afirma que “o conceito de objetividade no jornalismo não surgiu como negação da subjetividade, mas como reconhecimento da sua inevitabilidade” (TRAQUINA, 2005, p. 135).

Todavia, até hoje os teóricos do jornalismo não chegaram a um consenso se é possível *realmente* aplicar esse distanciamento, essa imparcialidade. Nas faculdades de jornalismo, ensina-se que o texto deve ser imparcial, objetivo, livre de sentimentos do autor, entretanto, as mesmas faculdades ensinam teorias da comunicação que afirmam ser impossível que o sujeito livre-se de seus próprios pré-conceitos e ideais ao escrever um texto. De forma que, inconscientemente, o jornalista expressará as próprias opiniões.

O que deve ser feito é tentar reduzir ao máximo essas opiniões no texto jornalístico. Os relatos são subjetivos, isto é, são construídos por indivíduos que têm “preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias. E como estas não deixarão de existir, vamos tratar de amenizar sua influência no relato dos acontecimentos” (PENA, 2007, p. 50).

Assim, não é porque um repórter ou uma emissora acredita na culpa dos Nardoni que eles são realmente culpados. Já que, a pré-condenação do casal pode ser mais um caso *Escola Base*, em que o dono da escola foi acusado de pedofilia, teve seu nome vinculado a escândalos, foi julgado e condenado pela mídia e, conseqüentemente, pela sociedade que também tinha certeza absoluta da culpa dele. Porém, verificou-se que ele era inocente. “A mentira fica marcada no imaginário popular. Quem tem a imagem pública manchada pela mídia não consegue recuperá-la” (PENA, 2007, p. 113).

## **Bibliografia**

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Ed. Summus, 1995.



ARBEX, José Jr. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: Ed. Casa Amarela, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

ENNE, Ana Lucia S. & Diniz, Betina Peppe. **O ‘Caso Mão Branca’ na imprensa do Rio de Janeiro: narrativa jornalística, ficção e o fluxo do sensacional**. Trabalho apresentado ao NP – 02 Jornalismo, no III Encontro da Rede Alfredo de Carvalho. 2005.

LONGHI, Naiara. **Sensacionalismo e Jornalismo Popular: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.

Vídeos retirados do site [www.globo.com](http://www.globo.com):

Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá visitam os filhos. Bom Dia Brasil: 14/04/2008. disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM815276-7823-ALEXANDRE+NARDONI+E+ANNA+CAROLINA+JATOBA+VISITAM+OS+FILHOS,00.html>

Casal Nardoni será interrogado hoje. Bom Dia Brasil: 28/05/2008. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM833252-7823-CASAL+NARDONI+SERA+INTERROGADO+HOJE,00.html>

Depoimentos traçam o perfil do casal Nardoni. Fantástico: 11/05/2008. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM826225-7823-DEPOIMENTOS+TRACAM+O+PERFIL+DO+CASAL+NARDONI,00.html>

Polícia leva quatro horas para prender casal Nardoni. Jornal Hoje: 08/05/2008. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM825062-7823-POLICIA+LEVA+QUATRO+HORAS+PARA+PRENDER+CASAL+NARDONI,00.html>

Por que brasileiros se comovem tanto com a morte de Isabella?. Fantástico: 20/04/2008. Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM818157-7823-POR+QUE+BRASILEIROS+SE+COMOVEM+TANTO+COM+A+MORTE+DE+ISABELLA,00.html>



## Anexos

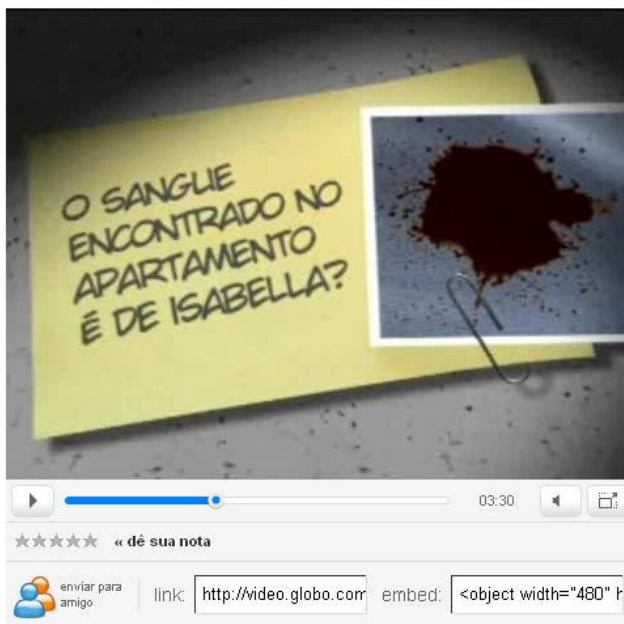
### <sup>7</sup> Figura 1:

Depoimentos traçam o perfil do casal Nardoni



### <sup>9</sup> Figura 2:

Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá visitam os filhos





<sup>10</sup> **Figura 3:**

**Casal Nardoni será interrogado hoje**

